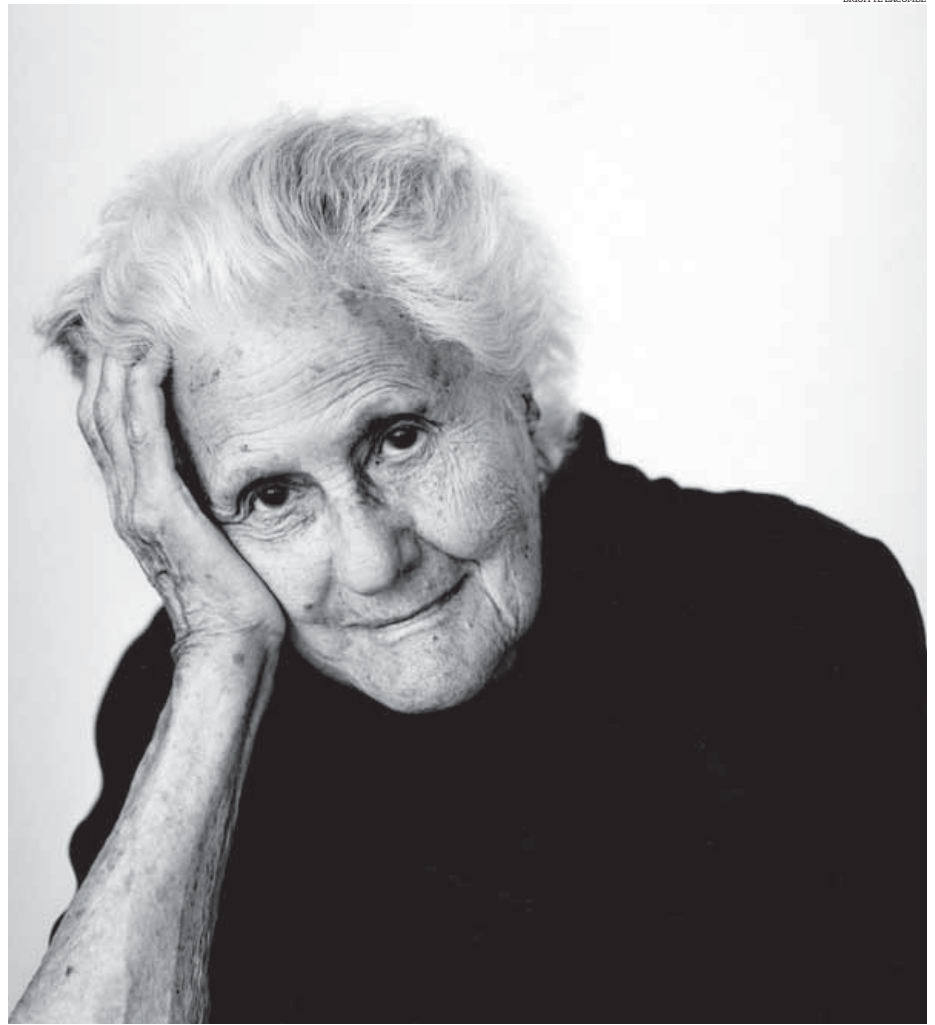


1906-2011

Eva Zeisel

transformou os pratos em flores e tornou mais bonita a nossa mesa



Das suas mãos nasceram pimenteiros que são pássaros de pescoço erguido e pratos que lembram flores. Eva Zeisel reinventou a mesa, transformou-a em arte. Acusaram-na de ter planos para matar Estaline, prenderam-na e fizeram-na passar pelo pior do século XX. Ela encarregou-se de tornar esse século mais belo. Morreu em Nova Iorque a poucas horas de ver chegar 2012, tinha 105 anos. *Por Isabel Gorção Santos*

● Eva Zeisel fazia “coisas úteis”, mas não era uma artista, ou dizia que não era. Não gostava que lhe chamassem artista e um dia disse à revista *New Yorker* que a arte tinha mais ego do que ela.

Muito antes de qualquer IKEA, foi ela quem quis mudar as nossas mesas, trouxe-lhes elegância, formas que sugerem plantas, animais ou pessoas. Tão simples, ou nem tanto.

As suas peças são objectos de desejo e de museu. Zeisel dizia que não tinha influências, que o seu trabalho era original. “Não era, mas não interessa”, escreveu na semana passada Lance Esplund, que a conheceu nos anos 1990, num artigo publicado no site *Bloomberg News*.

“Tal como Picasso, Zeisel absorvia o melhor do que estava à sua volta, por vezes a roubar o design e a torná-lo melhor.”

Uma boa curva, dizia, era suficiente, por isso não poupou curvas em quase tudo o que fez durante nove décadas. Já com 90 anos chegou a dizer que o mundo não precisava de tantos pratos. “São frios,



são duros e ainda temos de os lavar.” Depois terá pensado melhor. “Os pratos de papel nunca irão juntar uma família.” Do século XX

só “perdeu” os primeiros seis anos, viveu até o que ninguém deveria viver. A mãe, Laura Striker, era historiadora e feminista, envolveu-se na política e foi a primeira mulher a doutorar-se na Universidade de Budapeste. E o pai, Alexander Striker, tinha uma fábrica de têxteis. Quando ela nasceu na Hungria, a 13 de Novembro de 1906, chamaram-lhe Eva Amália Striker e deram-lhe o conforto próprio de uma família de judeus abastados.

Aos 17 anos Eva quis ser pintora e inscreveu-se na Real Academia de Belas-Artes de Budapeste, mas só lá esteve durante três semestres. Tinham-na convencido a escolher uma profissão “mais prática” e

acabou por desistir da pintura e optar pela cerâmica, talvez inspirada pela colecção de potes de uma tia camponesa.

Dois anos depois teve a primeira oportunidade de ir a Paris e visitar a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas, conhecer o trabalho de designers como Le Corbusier e a escola alemã Bauhaus, que a inspirou. Ficou-lhe a impressão de que o design modernista era “muito frio”, como viria a descrevê-lo, por isso quis acrescentar-lhe “calor”, talvez forma e humor. Era o início de uma carreira em que produziu mais de 100 mil objectos de cerâmica.

Em 1928, passou a expor os

trabalhos em feiras locais na Hungria e despertou a atenção de alguns fabricantes. Decidiu então trabalhar na Alemanha, primeiro em Schramberg, numa das mais importantes fábricas alemãs de cerâmica, a Schramberger Majolica; e depois em Berlim.

De régua e compasso na mão, Eva desenhou peças para jantar, serviços de chá ou jarras, viveu dois anos glamorosos em Berlim durante a República de Weimar, que nasceu após o fim da Primeira Guerra Mundial e se prolongou até à chegada de Hitler ao poder.

Mas Eva estava noiva e terá sido isso que a levou a fazer as malas para Moscovo. Não imaginaria que iria passar na Rússia, para onde partiu e se instalou em 1932, aos 26 anos, os piores meses da sua vida.

Os calabouços soviéticos

Eva já conhecia o sucesso, o seu trabalho atravessara fronteiras e em 1926 ganhara uma menção honrosa no Sesquicentenário de Filadélfia, uma importante exposição nesta cidade norte-americana. Durante os anos em Berlim viveu perto do famoso Romanisches Café frequentado por gente ligada às mais diversas artes. A popularidade da arte russa seduziu-a a ponto de querer atravessar a fronteira. “Tinha de ver o que estava a acontecer do outro lado da montanha”, contou, já em 2010, à revista da apresentadora de televisão norte-americana Oprah Winfrey.

Para além disso, havia Alex Weissberg. Ele já trabalhava, era físico, e ela declarou ser sua noiva para conseguir o visto de entrada na Rússia. Os dois viriam a casar, em 1933, e Eva não demorou a demonstrar o seu talento.

Começou por desenhar serviços de jantar na fábrica de porcelana Lomonosov, junto a São Petersburgo, mas em 1934 foi transferida para a segunda maior fábrica de porcelana do mundo, em Dulevo, perto de Moscovo. Desenhou serviços de mesa que foram populares em toda a União Soviética, tornou-se directora artística para a indústria da porcelana e do vidro. Conheceu, de facto, “o outro lado da montanha”, e esse lado viria a tornar-se cada vez mais violento e sombrio.

A 28 de Maio de 1936 vieram buscá-la e acusaram-na de ter participado numa conspiração para assassinar Estaline. A repressão do regime soviético intensificou-se, perseguiu intelectuais, estrangeiros e todos os que pudessem ser considerados uma ameaça, e interrompeu abruptamente a carreira de Eva. O que lhe aconteceu nos 16 meses seguintes inspirou o romance *O Zero e o Infinito* (publicado em Portugal pela editora Europa-América), do seu amigo de infância Arthur Koestler.

Grande parte desses meses esteve em solitária, entre paredes forradas a borracha que não deixavam ouvir qualquer som vindo do exterior.

Quando uma porta se abria, Eva sentia pânico. Muitas vezes foi torturada e, de cada vez, acreditava que esse dia poderia ser o último. “Nunca sabíamos quando é que a porta ia abrir-se para sermos alvejados. Aprendemos a não pensar no futuro.”

Sobre esses dias a designer não falou muito e, quando o fez, foi de forma pragmática, factual, a contrastar com as emoções e formas que deixou em tantos serviços de mesa. “Fiz tudo o que se podia fazer numa pequena cela para manter o meu corpo em forma. Passei horas a repetir exercícios com as pernas, fiz o pino, qualquer coisa. E, para a minha cabeça, evitei qualquer pensamento delicado”, contou à revista de Oprah Winfrey.

Um dia a porta abriu-se e Eva pensou que sim, que seria o seu último dia. Acreditou que chegara a vez de ser executada. Era 17 de Setembro de 1937, meteram-na num comboio com destino a Viena, na Áustria. Estava livre e mais tarde viria a saber que a sua mãe e vários intelectuais europeus tinham escrito a Estaline a pedir que a poupasse e deixasse sair em paz.

Eva nunca soube de que a acusavam e nunca tinha lido *O Processo*, de Franz Kafka, até há pouco anos, quando o jornalista Howard Kissel, do *Huffington Post*, lhe leu o primeiro capítulo da história do homem que está a ser julgado sem nunca saber porquê. Não quis ouvir a história até ao fim, foi assaltada pelas suas próprias memória e pediu a Kissel que parasse. “Isso dá-me calafrios.”

Primeira exposição

Seis meses depois de Eva ter sido libertada, em Março de 1938, as tropas de Hitler ocuparam a Áustria. Decidiu fugir pela “porta de trás”,



BRENT C. BRODLIN



MGLASS



para a Inglaterra e para os braços de Hans Zeisel, um advogado e sociólogo que namorara nos tempos de Berlim. Só a morte dele os viria a separar, já em 1992, mais de meio século depois de se terem reencontrado.

O primeiro marido de Zeisel estava detido na Rússia e os dois acabaram por divorciar-se por procuração. A mãe dela, Laura Stricker, levou os papéis a Weissberg e este assinou-os e desejou “boa sorte” a Eva. Já divorciada, casou com Hans Zeisel em 1938 e os dois partiram para Nova Iorque com 64 dólares que tinham no bolso.

Faltava pouco para o início da Segunda Guerra Mundial quando Zeisel chegou aos Estados Unidos para procurar trabalho. Começou por desenhar uma linha de presentes de porcelana para a Bay Ridge Company, em Nova Jérsei; mais tarde deu aulas no Pratt Institute em Brooklyn, trouxe a mãe para o pé de si e ficou grávida da primeira filha, Jean Richards, que nasceu em 1940. Quatro anos depois nasceu um rapaz, Jon, que se tornou investigador e especialista na doença de Alzheimer.

Eva tornou-se a primeira mulher com uma exposição em nome próprio no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA), a *New Shapes in Modern China Designed by Eva Zeisel*, entre 7 de Abril e 9 de Junho de 1946. Nesse ano criou o serviço de jantar *Town and Country*, uma das suas obras mais conhecidas, e em 1947 desenhou várias peças para empresas norte-americanas ou mexicanas.

Trabalhou para a Riverside Ceramic Company da Califórnia, para a United China and Glass de Nova Orleães ou a Clover Box de Nova Iorque. Criou peças para várias empresas japonesas (Norleães Meito, Noritake ou Nikkon Toki),

para a alemã Philip Rosenthal ou a italiana Mancioni. O Royal College of Art de Londres viria a reconhecê-la com o doutoramento *honoris causa*, bem como a Parsons New School de Nova Iorque. Um dos seus trabalhos, um conjunto de jarras e tigelas criado para a já extinta marca portuguesa Mglass, viria a ser produzido em Portugal, em 2004.

Mãe divertida

Uma semana depois de se ter despedido da mãe, Jean Richard contou ao P2 algumas das suas memórias de infância. “Foi muito divertido ter Eva como mãe”, disse. “Por vezes levava-nos a visitar as fábricas. Todos os anos convidava a turma inteira para uma festa no Natal e na Páscoa. No seu estúdio, fazíamos decorações de Natal ou pintávamos ovos de Páscoa. O meu irmão e eu nunca sentimos que o seu trabalho a separasse da sua vida. Nós fazíamos parte disso.”

Eva Zeisel era calorosa, generosa e muito interessada nos outros, diz Jean. “Tinha amigos de todas as idades que regularmente vinham jantar ou ler para ela quando a sua visão piorou. Era curiosa, divertida e muito tolerante com as pessoas. Acreditava que o seu design era um presente para os outros. Era uma excelente professora.”

Na edição de 2001 das conferências TED – que todos os anos juntam, nos Estados Unidos, pessoas de várias áreas para partilharem experiências e ideias –, Eva Zeisel recordou os dias em que, na Hungria, amassava a argila com os pés. O seu trabalho, disse em várias entrevistas, é sobre a relação entre mãe e filho, por isso, quando mostrou no ecrã um saleiro e um pimenteiro quase entrelaçados, disse ser um retrato dela com a filha Jean.

Ao longo de décadas, Zeisel encorajou um estilo de vida menos formal, escreveu o *New York Times*. “Deu forma ao organicismo, elegância e fluidez que esperamos da cerâmica de hoje”, sublinhou Paola Antonelli, curadora para as áreas de Arquitectura e Design do MoMA.

Celebrou os 100 anos com a criação de uma nova peça, uma chaleira produzida pela empresa Chantal, do Texas.

Tinha 103 anos quando o jornalista Howard Kissel a congratulou por ainda trabalhar, mas ela não gostava da palavra “ainda”, e quando a ouvia, desde que tinha 90 anos, perguntava: “Ainda?”

Nas últimas entrevistas não escapava a uma retrospectiva da sua vida. Perguntavam-lhe se não lamentava nada, e a resposta era “não”. Um dia, a filha Jean chegou a acrescentar: “E Estaline, mãe? E a prisão?”, então Zeisel pensou alguns segundos: “Não fui eu que me pus na prisão, foram eles que me fizeram isso.” Estaline não a matara e não seria a passagem do tempo a fazê-la parar.

Agora que partiu, deixa a mesa posta e a criatividade espalhada por vários museus.

